

Mário Teixeira Gomes

Por gostar de fazer experiências e por ter um amigo que sabia como fazer fotografias, interessei-me pelo assunto e foi com cerca de treze anos que comecei, com uma máquina emprestada.

Tinha o rolo, aconteceu uma viagem de família com os vizinhos da frente, chegados a casa vi a "fórmula mágica", comprei os ingredientes e daí até ao revelador e fixador foi um instante.

As fotos ficaram um pouco escuras, eram provas de contacto, mas ainda se conseguiam ver as pessoas.

As condições de trabalho (uma dispensa reduzida, uma cortina que mal tapava a luz, banhos feitos em recipientes de metal) eram deficientes, o preço dos rolos e do papel de impressão eram caros e todos esses factores determinaram o fim do projecto.

Muito mais tarde, consegui ter um ampliador 6x9, retomei as revelações, e aprofundi os conhecimentos e técnicas da fotografia.

De momento para momento, de preços elevados e tempo limitado, foi-se fazendo o percurso fotográfico, condicionado pela falta de uma máquina fotográfica minimamente capaz.

Mais alguns anos depois consegui ter uma Zenith, reflex, manual, que fez bons serviços até encravar a cortina. Seguiu-se uma Pratika, manual, com sensor de luz e o papel foi deixando o seu lugar aos diapositivos que se tornaram muito mais económicos.

A mudança radical deu-se no ano dois mil, o digital afirmou-se e adquiri uma máquina fotográfica Nikon que me trouxe o prazer de fotografar à vontade, sem limites, sem pensar em custos e com facilidade de armazenamento.

Passando por cima da publicidade, a Nikon tem sido a minha opção e um factor decisivo de aperfeiçoamento das técnicas.

Com um percurso destes, gosto de dizer que não sou amador nem me dediquei a nenhuma especialidade na fotografia, vou agarrando as oportunidades, sobretudo agora que tenho mais tempo disponível.

- Em 1967 num passeio de fim de ano ao Algarve tirei uma fotografia de grupo que foi escolhida e publicada no jornal da escola.

- Em 2011 tirei fotos na Feira de Artesanato de Vila do Conde, submeti 6 fotos. Em 2012 soube os resultados, não fui premiado mas uma fotografia minha – "Dar vida ao vidro" - foi escolhida para estar exposta no Auditório de Vila do Conde.

- Ainda em 2012 concorri através do Ciência 2.0 para a selecção de diversas obras a expor no Museu Soares dos Reis, no Porto, no âmbito do tema "Ciência e Arte". Na véspera de Natal de 2012 soube que na categoria de fotografia, das seis fotos escolhidas, duas eram minhas – "Alveolos" e "Estruturas". A escolha foi da responsabilidade de um Júri constituído por cientistas e especialistas de cada área, no meu caso a fotografia, e foram expostas desde o dia 19 de Janeiro até 24 de Fevereiro no Museu Soares dos Reis.

- Em Maio de 2013 fiz a minha primeira exposição individual – "As Aldeias da Cabreira" - na Casa de Lamas, Vieira do Minho, A Exposição esteve patente naquele espaço de cultura entre o dia 5 de Maio até 30 de Junho

- As mesmas fotografias expostas na Casa de Lamas, a convite do Posto de Turismo de Viera do Minho estiveram naquele espaço até ao passado dia 30 de Novembro.

Surgiu, agora, esta nova oportunidade, a convite da Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis para uma exposição conjunta com o Escultor Dario Boaventura. é para mim uma honra poder expor os meus trabalhos fotográficos conjuntamente com o conhecido escultor que tem, entre muitos outros trabalhos públicos, "A menina e a foca" no Jardim do Passeio Alegre, no Porto.

É é um prazer muito especial poder estar presente na Cidade de Oliveira de Azeméis onde, recentemente, ganhei novos amigos.

*Mário Teixeira Gomes
Fevereiro 2014*

EXPOSIÇÃO de FOTOGRAFIA e ESCULTURA

"Entre dois mundos"

Mário Teixeira Gomes | Dario Boaventura

8 > 22 fev '2014

Entre dois mundos

As imagens têm a sua origem no real que se transforma com a participação do olhar do fotógrafo.

Tendo como base de trabalho o real e o imaginário, a criação transforma um e outro para que surja algo de novo, em que a participação do autor é determinante para o resultado.

Na escultura, na cerâmica em particular, foi a essa criação que Dario Boaventura se dedicou.

A sua mente fértil, os seus sonhos, a sua imaginação, a forma muito especial de ver o mundo, tudo o que o rodeia, resultou numa grande criação artística representada em formas muito diversas.

Figuras cerâmicas, painéis de azulejos, painéis cerâmicos, esculturas em bronze, vitrais, pintura a pastel, a óleo e a carvão. De tudo um pouco experimentou, a todas deu a sua arte, a sua visão.

Mas foi a cerâmica que mais o cativou, à qual dedicou a sua vida de estudo de materiais, de métodos, de uso dos vidrados (procurando conhecer o seu comportamento em diferentes temperaturas) e, principalmente, experimentalismo, busca do perfeito, de um ideal que só a mente dele ditava.

Em diversas conversas em que lhe perguntei como partia para uma determinada obra, ele dizia sempre que pegava num pedaço de barro, tinha as ferramentas à mão, começava a amassar aquela matéria à qual ia atribuindo formas. A imaginação manifestava-se através dos movimentos das mãos, que seguiam moldando, acariciando o barro, dando-lhe voltas, procurando outras formas possíveis, deixando a criação ter a liberdade total para que o resultado lhe trouxesse alguma satisfação.

Se tudo ia bem, a obra nascia. Se algo fugia ao seu controle a solução era simples, voltar a amassar, começar de novo.

Na fotografia o processo tem algumas semelhanças mas tudo se baseia na visão que cada um de nós tem do real, de como mais gostamos de ver o real representado.

É dessa forma que nasce a fotografia. O objecto fotografado não pode fugir, está lá, transmite a luz que a máquina capta e transforma numa imagem.

Cabe ao fotógrafo a orientação da máquina, a escolha do diafragma, ou seja a luz que entra, a escolha da velocidade de abertura do obturador, que também determina a quantidade de luz que entra, simultaneamente interferindo no movimento “congelando-o” ou dando-lhe vida, afirmando a sua existência numa imagem que pára no tempo, no momento escolhido.

O trabalho de laboratório, actualmente representado pelos programas de computador que permitem a edição de imagem, pode corrigir a luz, realçar pormenores mas não deve alterar o que se viu, o que a máquina captou e guardou nos seus circuitos electrónicos.

O mesmo se passava com o filme onde o trabalho de laboratório era essencialmente de retoque, de correcção, durante a revelação, da luz e do contraste.

Do filme passámos ao computador, de um processo mais restrito, a uma abertura mais geral a outro tipo de utilizadores, com a chegada do digital.

Os métodos não são comparáveis apesar de, muitas vezes, alcançarem os mesmos objectivos.

Nestes dois mundos, há sempre a transformação do real através do nosso imaginário, é esse o ponto comum destes dois mundos que se tocam mas não se confundem.

Mário Teixeira Gomes

Dezembro 2013

Dario Boaventura

Dario nasceu no Porto em 1923, ao décimo quinto dia do mês.

Completou, este ano, noventa e um anos.

Entre esse dia e a atualidade Dario teve um percurso rico de experiências, uma vida preenchida, família grande (mais quatro irmãos e uma irmã), pai afetuoso e mãe que ultrapassava tudo o que é conhecido em termos de bondade.

Tanto é que o marido dela lhe dizia com frequência que a bondade em excesso é um grave defeito.

O seu avô, Casimiro António de Oliveira, nasceu na Casa do Mercador, em Azevedo, que depois passou a ser conhecida por casa de Azevedo. Casou-se com Francisca de Paula Antunes, foram viver para a Casa do rego em Caniçada e dessa união nasceram as tias e a mãe de Dario, Maria Amélia.

Renato Boaventura surgiu na sua vida e tiveram seis filhos. Porque era Oficial do Exército, responsável pela Secção de Cartografia, teve necessidade de se deslocar por todo o País, com permanências mais ou menos longas.

Mas antes sofreu o desgosto do exílio forçado por ter participado na revolta de 7 de Fevereiro de 1927 contra a Ditadura Nacional.

Nesse período entre 1927 e 1932, antes de passar a fronteira pela Portela do Homem, deixou a mulher e os filhos ao cuidado do sogro, o conhecido médico Casimiro António de Oliveira, na casa do Rego, em Caniçada.

Foi esse o período em que Dario viveu a sua grande aventura da terra, dos animais, plantas e vida no campo. Tudo lhe interessava, tudo foi objeto dos seus “estudos” por vezes pouco ortodoxos.

Hoje diz que os animais não têm segredos para ele. Cobras, gatos, ratos, cães, vacas e cavalos com todos eles viveu de perto, a todos respeitava e sabia que algum proveito tinha de cada um em particular.

O pai foi mais tarde amnistiado, regressou e partiram para Viana do Castelo onde as tarefas de cartografia o esperavam.

Já jovem, com o irmão mais velho, fez diversas campanhas com o pai, a transportar os aparelhos de topografia, a anotar em mapas, a desenhar as curvas de nível, a assinalar fontes, poços, riachos, casas e abrigos de pastor. Tudo era minuciosamente inscrito nesses mapas. As férias de verão eram dedicadas a longas caminhadas, a dormir em pensões, a ouvir histórias várias, a acumular conhecimentos, a ver o país de norte a sul.

Um episódio curioso aconteceu no Alentejo numa dessas estadias mais prolongada. Estavam os três instalados numa pensão onde tinham cama, roupa lavada e alimentação por completo.

A comida era boa, alguma até muito apetitosa. Chegar ao fim da tarde secos do calor, cansados das caminhadas e do peso do material, viram que havia rissóis e pediram uma dose acompanhada de bebidas frescas para abrir o apetite para o jantar.

Estaladiços, com um sabor delicioso, rapidamente desapareceram do prato.

Uns dias depois, ao chegar mais cedo, passaram próximo da cozinha e assistiram ao que nunca teriam querido ver.

O calor era demasiado, próprio do Alentejo interior. A dona da pensão, também cozinheira, estava sem blusa para tentar refrescar-se, mas também estava a fazer rissóis. A massa estendida no balcão era depois enrolada nos peitos dela, suados, e a seguir levavam o recheio.

Os três caminhantes, de secos que vinham, esfomeados e a pensar em rissóis estaladiços, quase caíram de rastos com a visão que tinham pela frente.

Ninguém se apercebeu da presença deles pelo que nunca ninguém soube porque os rissóis já não eram desejados. Pão, fatias de presunto e refrescantes passaram a ser o lanche predileto.

Deste, e outros episódios, Dario lembra-se e gosta de contar. O que ganhou para a vida, as experiências acumuladas e o convívio com pessoas diferentes em locais tão rústicos como afastados do seu habitat natural – cidades do litoral – deram-lhe uma visão do mundo muito especial.

Da sua habilidade para o desenho, dos seus conhecimentos de cartografia, veio a vontade de tirar um curso de arquitetura,.

Foram três anos sem história, alguma perda de tempo, e uma reviravolta na vida, abandonando o curso e inscrevendo-se no Porto no curso de Escultura na Escola Superior de Belas Artes.

Completou o curso com a média geral de 19 valores.

Aluno excecional, obteve uma bolsa de estudo para ir para a Europa visitar museus. Recém casado, fizeram a viagem por Espanha, França e Itália. Adquiriu conhecimentos e viu ao vivo as obras de arte dos seus congéneres.

Voltou para Portugal para se dedicar o estudo de materiais, de técnicas e novos conceitos.

A Arte não lhe permitia autonomia pelo que concorreu para professor do ensino secundário, começando em Aveiro, depois Setúbal, passando pelas Caldas da Rainha e finalmente Porto.

Desde aí, depois de nascida a filha, viveu sempre no Porto, manteve um atelier na foz velha, repartia o tempo entre a escola e as suas peças, o seu forno, os seus materiais encontrados nas mais diversas origens.

Quando começou o projeto da Tele Escola, foi convidado a participar, aceitou e desenvolveu e criou muitos dos filmes que eram passados nessas aulas. Com recurso a muitos meios áudio visuais da RTP do Monte da Virgem foi experimentando e colaborando com outros professores para tornar mais apelativas as aulas. A sua passagem pela Tele Escola foi um êxito, uma lembrança para muitos e uma memória amarga que lhe ficou. Por razões de orçamento, de escolhas da direção e tentativas de o afastar para dar o lugar a outros, ele mesmo demitiu-se regressando à sua escola de origem, a Escola Artística Soares dos Reis no Porto.

Entre muitos, conheceu dois escultores que com ele partilharam o atelier da foz. Xavier Costa, Açoriano de São Miguel e Mário Truta, de Aveiro.

Eram tão diferentes quanto unidos. Respeitavam o espaço de cada um, repartiam despesas e materiais, completavam-se e evoluíram juntos.

Dario participou em várias exposições coletivas e individuais, tem peças suas em museus nacionais , em coleções particulares e em edifícios públicos.

A sua predileção nunca foi para expor, o que criava era de tal forma íntimo que raramente queria separar-se das suas peças.

Essa intimidade vinha do seu prazer em criar e ter à sua frente, no dia a dia, sem constrangimentos, sem restrições.

Quando deixava que uma peça fosse dada ou vendida tinha o cuidado de ser ele a embalar, com mil cuidados, com, quase diria, “carinho de pai”.

Para uma exposição na Casa da Cultura das Caldas da Rainha, a quantidade de peças a expor era significativa e a distância impunha embalagens com segurança redobrada.

Quando soube a data, com muita antecedência, começou a embalar todas as peças, muitas delas em caixas de madeira que ele próprio construiu, outras em caixas de cartão e compradas, usando material de embalagem, plástico de bolhas, esferovite e outros produtos, em tal quantidade que uma caixa tinha, seguramente, mais materiais desses do que peças.

Não houve um risco, uma ranhura, qualquer peça partida nessa viagem de camioneta que ele fez questão de acompanhar como passageiro.

O processo inverso, o regresso à origem, ao seu atelier, teve igual tratamento.

É nesta relação íntima do criador com as suas criações que Dario Boaventura sempre viveu.

Hoje as suas obras já são mais conhecidas, mas ainda agora, debilitado como está, de idade avançada e saúde precária, está sempre atento ao desenrolar de todo o processo de transporte das peças para as exposições.

Faz perguntas, quer saber que materiais foram usados, que tipo de transporte, que cuidados estão a ser tomados, se há seguro, se há vigilância, não com uma atitude desconfiada mas de preocupação que os seus “meninos” e “meninas”, os seus painéis, pratos, esculturas estejam sempre protegidos como ele sempre quis e fez.

Dario Boaventura teve a arte de criar com os dedos, a sabedoria de utilizar novos materiais, a curiosidade de experimentar novas cores, a audácia de adquirir uma mufla que lhe ocupou quase meio espaço do atelier mas, por outro lado, lhe permitiu fazer peças de maior dimensão.

Dedicou-se à cerâmica, em especial e quase em exclusivo, com passagens pelo bronze, pela medalhística e pintura.

Não compete a esta biografia autorizada avaliar o impacto das suas obras, esperemos pela história futura para fazer a análise, dar o valor que mereça e promover a sua arte se houver entendimento nesse sentido.

Mário Teixeira Gomes